



## 25 DE MAIO: DIA DA LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA

### DECLARAÇÃO DE S.EX.<sup>a</sup> MOUSSA FAKI MAHAMAT PRESIDENTE DA COMISSÃO DA UNIÃO AFRICANA

#### **Irmãos e irmãs africanos,**

Comemoramos hoje a criação da Organização de Unidade Africana aqui em Adis Abeba, no dia 25 de Maio de 1963. Passam-se exactamente cinquenta e sete (57) anos. Esta data, considerada como o Dia Mundial de África, é, como todas as grandes celebrações, um momento de alegria e orgulho, mas igualmente de recolhimento e meditação.

Há cinquenta e sete anos, África lançou as bases da sua unidade, que tinha sido minada pela colonização, ao criar uma organização comum, a OUA, que se tornou a União Africana em 2002. Cinquenta e sete anos depois deste acto fundador, África se libertou da presença colonial e do apartheid; iniciou a sua unidade política e registou um grande progresso económico, social e cultural. Tais progressos não podem esconder as deficiências e atrasos por vezes evidentes.

Muitas questões ainda nos afligem, não sem angústia. África tornou-se no continente de liberdade, paz, prosperidade e sucesso com que os pais fundadores sonhavam? Os africanos são mais unidos, mais solidários e mais realizados? África conquistou um lugar no cenário internacional à altura do seu imenso potencial e das suas legítimas ambições?

O balanço de meio século de independência e liberdade do Continente deixa-nos em dúvida.

Apesar de um potencial económico considerável e de um capital humano rico, jovem e dinâmico, a maioria dos Estados africanos está a lutar para garantir o bem-estar das suas populações.

Sectores vitais como a educação, a saúde e a segurança dependem, em grande medida, da ajuda externa. O comunitarismo e o tribalismo cristalizaram-se mais a favor de um sistema multipartidário e dos princípios democráticos que em alguns casos se perderam.

Das crises abertas geradas pelo terrorismo e pelos conflitos interétnicos ou inter-religiosos às crises pós-eleitorais, África oferece sempre, aqui e ali, cenas de violência, fragilidade e incerteza do dia seguinte.

Na minha qualidade de Presidente da Comissão da União Africana, cujo compromisso essencial é o de silenciar as armas neste continente, estou profundamente abalado com o espectáculo que um dos membros fundadores da OUA e o principal iniciador e arquitecto da União Africana, a Líbia, está a apresentar neste momento. O drama que se desenrola naquele país afecta-nos profundamente. O fracasso não exonera ninguém, nem nenhum segmento da comunidade internacional, cujas responsabilidades na continuação e mesmo no agravamento deste conflito são imensas.

### **Irmãos e Irmãs de África**

#### **Amigos de África em todo o mundo,**

Neste cenário de mitigação, há no entanto vislumbres de esperança, tamanha é a vontade de derrotar o destino e são importantes os meios para quebrar o círculo de dependência e da pobreza. Os desenvolvimentos positivos, as novas dinâmicas, a determinação feroz e os êxitos espectaculares afirmam-se constantemente e indicam o caminho para o futuro.

Estão a ser construídas organizações regionais, projectos emblemáticos continentais como o ZCLCA estão a avançar no rumo certo. A integração económica do continente, outro sonho fundamental dos nossos povos, está agora ao nosso alcance. A ascensão do continente está certamente presente. No entanto, o desejo ardente dos povos e da juventude africana, em particular, é que a liderança e os governantes façam mais para garantir que África dê o melhor de si.

É necessária uma visão mais africanista dessa liderança, centrada nos objectivos estratégicos comuns e envolventes, se quisermos perseguir o sonho legítimo da nossa juventude e dos pais fundadores.

A reforma da União Africana deverá dotar a Comissão dos meios jurídicos e políticos adequados para que esta possa ser o instrumento eficaz para a concretização das nossas acções prioritárias, cuja essência se encontra reflectida na Agenda 2063. A

nossa ambição, juntamente com a dos nossos líderes e de centenas de milhões de africanos, é caminhar de forma ainda mais enérgica e resoluta rumo a esse objectivo.

### **Irmãos e Irmãs do Continente,**

A pandemia do Coronavírus, que neste momento abala o mundo como nunca o fez, quebrou certezas, afectou as garantias e pôs em causa muitas crenças. Nunca antes a humanidade pareceu tão frágil e tão desprovida de recursos. Talvez tenha chegado o momento de questionar as suas vaidades, os seus limites, a fim de pensar de forma diferente sobre a civilização universal.

África, para grande surpresa daqueles que sempre lhe deram pouca consideração, mobilizou-se nas primeiras horas do surto da pandemia. Foi desenvolvida e imediatamente implementada uma estratégia de resposta continental.

Gostaria de prestar uma merecida homenagem aos órgãos especializados da União responsáveis por esta implementação, bem como ao actual Presidente em Exercício da nossa União, Sua Excelência Cyril Ramaphosa, pelas relevantes iniciativas tomadas, a todos os nossos Estados que, com notável rapidez, tomaram as medidas adequadas em harmonia com a estratégia continental.

Devemos, no entanto, redobrar os nossos esforços, determinação e perseverança na aplicação rigorosa dos pilares desta estratégia. Devemos ir além da conjuntura actual, preparando-nos para as condições do mundo pós-pandemia.

África é instada a criar novas formas de resiliência. Num mundo em que o multilateralismo está a ser gravemente posto à prova, África deve deixar de esperar pela salvação vinda de outros. África não pode continuar a dar-se por satisfeita com este papel de reservatório eterno para uns, de lixeira para outros.

África é instada a traçar o seu próprio rumo. A sua dependência e insegurança alimentar são inaceitáveis e intoleráveis, tal como o estado das suas infra-estruturas rodoviárias, portuárias, sanitárias e de ensino. As suas terras, florestas, riqueza animal, minas, potencial energético e águas marítimas e fluviais contêm os recursos necessários para dar uma resposta suficiente às necessidades das suas populações. Devemos, com toda a lucidez, decidir de forma corajosa por uma abordagem inovadora, mais introvertida do que extrovertida. Vivamos do que temos, pelo que temos; vivamos para as dimensões do que temos!

Ao avançar nesta direcção, os nossos líderes estarão mais próximos dos nossos cidadãos, os nossos Estados nacionais serão mais fortes. Vejo este movimento de introversão e confiança nas nossas próprias forças como um catalisador para um novo

renascimento dos nossos Estados-nação. É nos momentos difíceis que as nações e os Estados são verdadeiramente construídos. Vivemos hoje esse momento da história. A grande questão que esta pandemia da COVID-19 nos recorda, com uma voz ensurdecadora, é a necessidade imperiosa de quebrar esta dependência do mundo exterior através do duplo imperativo de vivermos dos nossos próprios recursos e de nos orientarmos com ousadia rumo à nossa própria industrialização. Grupos menos privilegiados do que nós, conseguiram fazê-lo em tempo recorde.

Convido entusiasticamente as mulheres, os jovens, os intelectuais, os académicos, os políticos, os empresários e os corajosos activistas da sociedade civil a empenharem-se numa reflexão profícua e activa sobre esta questão central para a nossa sobrevivência material, a nossa independência, a nossa liberdade e a nossa dignidade.

A única forma de conter a COVID-19 e as suas consequências desastrosas, de garantir a nossa suficiência alimentar, de criar milhões de empregos, de salvar as centenas de milhões dos nossos cidadãos hoje gravemente expostos a pandemias e perigos de todos os tipos, é a de uma verdadeira onda de solidariedade para uma resiliência africana verdadeira, forte e duradoura.

Não há celebração mais digna do Dia de África do que iniciar este compromisso intelectual, moral e político, que é indispensável para um verdadeiro renascimento do nosso querido continente.

Que Deus abençoe África.